

JORNAL: O Globo LOCAL: Guanabara
DATA: 1/11/1961 AUTOR: Vera Pacheco Jordão
TÍTULO: O X Salão Nacional de Arte Moderna
ASSUNTO: Vera P. Jordão analisa X Salão e a obra de Ivan Serpa.

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

* VERA PACHECO JORDÃO *

O X Salão Nacional de Arte Moderna

O SALÃO deste ano leva uma vantagem sobre o do ano passado: não sei se foram cortados pelo júri, ou se não se apresentaram, o fato é que sumiram os concretistas, cuja produção, ainda que da pior categoria, no ano passado havia sido aceita em massa pelo júri dominado pelo Sr. Mário Pedrosa.

A bem dizer, ficou um concretista, o escultor Amílcar de Castro, cujos trabalhos em chapa de ferro perdem o sentido plástico devido ao excesso de despojamento. Entretanto, a seção de escultura se apresenta tão fraca que o Sr. Amílcar de Castro, apesar de sua voluntária pobreza, suscita esperanças para um futuro em que, mudando de orientação estética, dê expansão às suas qualidades.

Livre do cilício concretista, o Salão está entregue aos transbordamentos da pintura informal, paraíso dos artistas mediocres e dos amadores que, tomando o termo "informal" na acepção de "sem-cerimônia", fazem da tela um campo de luta livre, na qual vale tudo. Na verdade, embora me pareça ter sido o júri demasiado indulgente, reconheço que nem sempre é fácil traçar a linha divisória no terreno da pintura informal, e que a crise da pintura, em busca de novos caminhos, é fenômeno mundial e não especificamente nosso.

Aqui mesmo, no Salão, a par de muita imitação superficial, encontramos trabalhos interessantes, reveladores do genuíno espírito de pesquisa que anima alguns artistas. Em primeiro lugar citaremos Ivan Serpa que, abjurando o dogma concretista, lançou-se no extremo oposto, escolhendo para realizar suas grandes telas a pintura à têmpera, que não admite hesitações nem retoques. É visível, entretanto, sob a espontaneidade das formas livres, a disciplina do artista, que não perde de vista o equilíbrio da composição, embora esta esteja mais bem realizada em um dos quadros que nos outros dois. Talvez por prudência, o pintor não abordou ainda o problema da cor, mas, cingindo-se ao preto-e-branco, com toques de ocre, conseguiu extrair desses elementos valores que enriquecem o sentido plástico da obra.

Iberê Camargo, que, como Ivan Serpa, já teve Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, é um espírito inquieto, trabalhado por fecunda insatisfação. O único quadro que apresentou no Salão dá mais impressão de pesquisa que de obra definitiva. Sente-se que o pintor, tendo esgotado, ou superado, o tema dos carretéis e a densidade negra daquela fase, inicia agora um novo caminho, no qual a composição — aparentemente muito simples — é baseada no ritmo, e a forma funciona como suporte do jogo cromático extremamente requintado, no qual o artista concentra toda a sua sensibilidade, tirando efeitos surpreendentes de cores que não pareciam conter tais virtualidades.

Arcangelo Lanelli apresenta dois daqueles trabalhos que vimos recentemente no MAM, de estrutura compacta, formas pesadas e tonalidades surdas, que acreditamos representar uma fase de experiência na evolução do pintor, o qual já demonstrou, em obra anterior, sua capacidade de captar os valores espaciais e luminosos. Seu irmão Thomaz, sem ter a mesma força — e talvez por isso mesmo — parece-nos mais realizado em sua pintura de naturezas mortas, com um toque de preciosismo em sua estilização, mas de fina sensibilidade em seu colorido reminescente da pintura afresco.

Ivan Freifas, que no ano passado se anunciava como possibilidade, caminhou muito desde então; são bons os dois quadros que apresenta, sobretudo aquele em tonalidades cinza e branco, bem estruturado, com um belo trabalho de matéria sem descambar para o sensacionalismo.

Ricardo Castro Costa, ainda mais moço que Ivan, é outro jovem que promete grande futuro se trabalhar para desenvolver suas qualidades; por ora demonstra forte senso de estrutura, e sensibilidade em seus valores cromáticos, embora tenha tendência a abusar do recurso ao emprêgo do preto para realçá-los.

Notamos as guaches de Naná Viego Schaeffer, sobretudo a composição vertical, de formas bem integradas, rica em seus tons baixos porém vibrantes.

Entre os chamados "primitivos" ou "ingênuos" — que deveriam antes ser chamados "ilustradores" — apareceu finalmente uma personalidade autêntica: Paulo Pedro Leal, cujo valor não podemos aquilatar por um só quadro, mas que revela a audácia imaginativa, a graça e a candura do verdadeiro primitivo.

É com prazer que registramos a nova fase de Ione Saldanha, empregando outras cores que não o seu clássico azul, recorrendo ao grafismo e a formas mais livres, sempre discreta e altamente consciente dos mínimos efeitos, porém menos parcimoniosa e mais vibrátil.

Fukushima, que tanto apreciei no último Salão, aparece agora inteiramente dominado por Manabu Mabe, o que é muito de lastimar. A seu lado, um pequeno quadro de Hashimoto, sóbrio e equilibrado em seu sentido rítmico-espacial, dá esperanças de que surja um novo valor entre os nossos japoneses.

Rubem Valentim — que não quer ser chamado "concretista", pois se considera "intuitivo" e "barroco" — continua suas pesquisas, jogando com formas geométricas elementares e contrastando o branco com tonalidades sombrias. Às vezes obtém bom resultado — como na "Composição" com dois semicírculos verdes — e é, sem dúvida alguma, um artista honesto, em busca de sua realização, embora me pareça ter escolhido um terreno pobre e já explorado, no qual será difícil descobrir o sentido rico e original que o artista procura.

Loio Pérsio apresenta excelente trabalho de gradação de tonalidades, embora sua pintura, bem executada, porém mais agradável que vigorosa, não traga a marca de uma personalidade original.

Também não brilha pela originalidade o trabalho de Raimundo Nogueira, mas em dois de seus quadros apresenta-se bem equilibrado em sua estrutura e seu cromatismo, dispensando os títulos fantasistas que o pintor lhes deu.

Não sei por que foi relegado à terceira sala Jenner Augusto, já distinguido com Prêmio de Viagem ao País, de cuja contribuição um dos trabalhos se destaca como excelente. Glauco Rodrigues — que no último Salão obteve esse prêmio — parece-me melhor que no ano passado, pois aliviou sua pintura do empaste que era tão postiço; mas nem assim eu o colocaria entre os melhores.

Jacinto de Moraes, sem nada perder de sua categoria, repete aquilo que apresentou no ano passado; é um pintor a quem — se me coubesse fazê-lo — eu daria um prêmio de viagem, pelo menos ao país, a fim de, pelo estímulo e pelo alargamento de horizontes, libertar suas possibilidades que parecem pedras.

E isso nos leva ao tópico dos prêmios oficiais, desinteressante porque destituído das surpresas inerentes a um verdadeiro julgamento de valores. Ainda este ano verificou-se que já era sabido de antemão quem seriam os premiados, a tal ponto que — por um daqueles lapsos causados pela irrupção do subconsciente — foi registrado no catálogo o nome de um dos concorrentes como já detentor do prêmio que viria a receber!

Dispensamo-nos de analisar a seção de Desenho e Artes Gráficas, cujo nível é o mais elevado de todo o Salão, pois isso levaria demasiado longe esta crônica, e seria monótono repetir o nome de artistas que tantas vezes temos destacado.